

SERÁ QUE ELA É FELIZ? ACHO QUE SIM, ELA ATÉ CANTA E DANÇA!

Patrícia Rosas

Todos os dias passo pelas Três Ruas, no bairro dos Bancários, em João Pessoa. É o caminho que percorro para levar meus filhos à escola. A rua é bela, recém-reformada, repleta de árvores que fazem sombra sobre casas caras e prédios altivos. Há bares, pizzarias, clínicas, sorveterias, praças, uma academia ao ar livre. Carros apressados correm de um lado, enquanto pessoas atravessam a ciclofaixa: correndo, caminhando, passeando com os cachorros, vivendo.

Aquela mulher já faz parte da rotina da rua. Insiste em se fixar na paisagem.

Ela usa biquíni listrado. Vive ali, nas calçadas. Dorme em bancos, come quando pode, às vezes toma banho de mangueira — um gesto de bondade de algum porteiro. Não importa se o dia nasce quente, frio ou morno: está sempre de biquíni. Uma constância que chega a ser cruel.

Só me dei conta do tempo esta semana: já faz mais de um ano que a vejo ali, sem casa, sem abrigo, sem mais nada além do corpo e daquele biquíni.

E foi então que propus a meus filhos, um casal de gêmeos de 9 anos:

— E se a gente parasse o carro para conversar com ela?

Eles recusaram, rápido, entre o medo e a vergonha.

Mas a conversa seguiu. O menino perguntou:

— Será que ela é feliz?

E a menina, convicta, respondeu:

— Acho que sim. Ela até canta e dança.

Fiquei em silêncio. Para minha filha, felicidade é algo que se mede por gestos leves, por um corpo que se move, por uma voz que canta. De fato, a mulher de biquíni listrado canta e dança. Sempre.

Mas minha filha ainda não sabe que cantar e dançar não são sinônimos de felicidade.

Muita gente canta com a garganta apertada, dança para esquecer o peso que carrega no peito. Muita gente sorri enquanto o coração se esfarela por dentro.

O ditado diz: *quem canta seus males espanta*. Acho que não é bem assim. Se fosse, aquela mulher já teria varrido do corpo a fome, o frio, a solidão, a ausência de um lar. Mas ela continua ali, com seus males, mesmo cantando.

Talvez ela cante e dance para lembrar ao mundo — e a si mesma — que existe.

Mas sua dança não engaja *views*. Não tem coreografia ensaiada, não segue *trend*, não viraliza. Sua música não arranca curtidas, nem rende *collab*.